

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO CRÍTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BUCKER, Edilson Ferreira¹

CARVALHO, Saulo Rodrigues de²

RESUMO

Neste artigo, questionamos as reais intenções presentes nas principais tendências pedagógicas presentes na História da Educação no Brasil. Defendemos a tendência que entendemos ser a que supera no sentido dialético, as demais, a Pedagogia Histórico Crítica dos Conteúdos, compartilhando uma aula ministrada com base na mesma.

PALAVRAS CHAVES: Tendências Pedagógicas, Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova, Pedagogia Tecnicista, Pedagogia Histórico Crítica; Ensino de História.

RESUMEN

En este artículo, cuestionamos las verdaderas intenciones presentes en las principales tendencias pedagógicas en la Historia de la Educación en Brasil. Defendemos la tendencia que consideramos que supera, en sentido dialéctico, a las demás, la Pedagogía Histórico Crítica de Contenidos, impartiendo una clase basada en ella.

PALABRAS LLAVE:

Tendencias Pedagógicas, Pedagogía Tradicional, Pedagogía Nueva, Pedagogía Tecnicista, Pedagogía Histórico Crítica; Enseñanza de Historia.

INTRODUÇÃO

O estudo foi desenvolvido durante a Pós-Graduação a distância Docência em História e Práticas Pedagógicas, na faculdade FACIBRA. O mesmo foi apresentado em forma de resumo expandido durante o I Congresso Internacional de Educação da UFFS no ano de 2017. O interesse pelo assunto surgiu na intenção de dar sequência ao trabalho desenvolvido na graduação em Pedagogia, “alienação na educação: uma análise do ato de educar” e para compartilhar as aulas de história ministradas durante a mesma, pautada na Pedagogia Histórico Crítica.

¹ (FACIBRA) edimais_mano@hotmail.com

² (UNICENTRO) saulorc1982@gmail.com

Para melhor compreensão, entendemos ser necessário, descrever as principais tendências pedagógicas presentes no Brasil, questionando as intenções que prevaleceram em cada tendência. Em seguida apresentamos a Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por Saviani. Após tais análises, compartilhamos a aula ministrada para futuros professores dos anos iniciais do ensino fundamental, pautada nesses pressupostos. Como procedimento investigativo, utilizamos a pesquisa bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO E DEMONSTRAÇÕES DE RESULTADOS

1. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

1.1 Tendência Tradicional

Nesta tendência a escola é organizada em classes, com professores bem preparados que expunha as lições explicando os conteúdos, sem a participação ativa dos alunos, que deviam ouvir atentamente, seguir normas e realizar as atividades propostas. O professor é o transmissor dos conhecimentos historicamente acumulados, centro do processo educativo. O aluno é ser passivo, cabe a este assimilar o conhecimento, não podendo participar ativamente.

O problema principal de tal concepção é que não valoriza os conhecimentos e contribuições dos alunos, contando com uma rígida disciplina, não permitindo a participação deles no processo educativo e mantendo-os submissos. O aluno seria uma “tábula-rasa”, que receberia os conteúdos necessários para sua vida em sociedade dando a ele os conhecimentos e talvez até a submissão necessária. Esta escola não conseguiu realizar seu desiderato de universalização (SAVIANI, 2012). Por isto, surge no século XIX a Escola Nova, analisada na próxima seção.

1.2 Escola Nova e a pedagogia das competências.

Surge com a promessa de conseguir a equalização social. Preparando os indivíduos para a vida em a sociedade, advoga um tratamento diferencial a partir das diferenças individuais, usa da psicologia que estava em ascensão para determinar e lidar com o modo como cada um aprende, ou seja, como

fazer com que determinado conhecimento fosse assimilado pelo indivíduo em questão.

O professor é um estimulador e orientador da aprendizagem, a iniciativa deveria partir dos alunos, sendo este o centro do processo educativo. Já critiquei essa postura em outra oportunidade:

Essa tendência já inicia equivocadamente, ao negar a transmissão do conhecimento. A principal função da educação é essa: apropriar-se do que foi construído e debatido pelas gerações anteriores, se essa transmissão é negada e o aluno passa a construir seus conhecimentos, estamos negando toda a história que havia antes dele, negando toda a dialética presente no ato de aprender. (BUCKER, 2017, p. 15)

Entendo o equívoco da Escola Nova ser este: negar a transmissão do conhecimento, premissa até na etimologia da palavra educação. “É preciso cuidar para que o discurso “construtivista” não seja transformado em rótulo que dissimule posições “reproducionistas”, mas com roupagens e máscaras que dificultem captar a sua manipulação a serviço dos mesmos interesses dos de sempre.” (TORRES SANTOMÉ, 2003, p. 188).

A educação trabalhando a partir das particularidades do mesmo, deve ajustar, adaptar os indivíduos a sociedade, corrigindo a marginalidade, contribuindo para uma sociedade onde independente das diferenças todos se aceitem e respeitem as individualidades.

Pretendia-se que as escolas fossem bem equipadas, com ambiente estimulante e com os recursos necessários para atender diferentes alunos e suas diferentes formas de aprender, de assimilar o conhecimento, garantindo o sucesso escolar destes. Transformando o corpo docente em um conjunto de técnicos, que realizam intervenções educativas meramente tecnocráticas (TORRES SANTOMÉ, 2003).

O problema é que esta realidade não chegava a todos, a maioria marginalizada, já pelo fato de fora dela não terem às mesmas oportunidades de aprendizagem, dentro dela também não conseguiam tal ideal e, por conseguinte também não tinham sua progressão intelectual e social.

Com os avanços da sociedade industrial, na Era Vargas (1930) e na Ditadura Civil Militar (1964), a escola tecnicista ganha espaço no Brasil, discorreremos sobre este assunto na próxima seção.

1.3 Tendência Tecnicista

A escola adequa-se ao modelo empresarial e as exigências da sociedade industrial e tecnológica, a função da escola é preparar para o mercado de trabalho, não se preocupando com as mudanças sociais.

O método é o taylorista, têm sua fundamentação no positivismo: ideias de racionalidade, organização, objetividade e eficiência. O conhecimento é visto como algo externo ao sujeito e não resulta de uma construção, então o aluno é treinado para desenvolver habilidades; também busca na teoria psicológica behaviorista como condicionar e controlar comportamentos.

Como nas indústrias, o trabalho é automatizado, necessita ser controlado externamente para garantir a aplicação do que foi planejado. Para isso há a divisão de tarefas e os técnicos de ensino.

Nessa metodologia, há inferiorização das funções do professor, que tornou-se apenas executor de ordens vindas do setor de planejamento-técnicos em educação (ARANHA, 1996). A relação entre professor e aluno exige distanciamento afetivo e não está voltado para abertura de discussões e debates.

Na pedagogia Tecnicista o centro do processo educativo é o método. A educação deve promover o desenvolvimento econômico, qualificando a mão-de-obra, alienando também para que se continue submisso à classe dominante. Formando “indivíduos eficientes, isto é, aptos para dar sua parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade.” (SAVIANI, 2012, p. 13). Portanto, prepara os indivíduos para mercado de trabalho e para estes continuarem submissos, impedindo sua progressão social.

A escola é como uma indústria, “seu funcionamento manifesta-se no processo de internalização da produção capitalista ao entendimento dos homens, de tal modo que se torne ‘natural’ à vida humana essa determinada sociabilidade.” (CARVALHO, 2014, p. 38) devendo cumprir horários (sinal que

bate como nas fábricas) conhecimento fragmentado, organizado em setores (disciplinas), há técnicos de ensino responsáveis por organizar e supervisionar os conteúdos trabalhados.

Percebemos que todos estes métodos têm seu interesse na perpetuação da sociedade capitalista, defendemos na próxima seção a Pedagogia Histórico-Crítica.

1.4 Pedagogia Histórico-Crítica

Acreditamos que a atual configuração de educação, é justamente uma junção do que cada uma das teorias anteriores tem de pior, no entanto não se pode descartar as contribuições destas, inclusive para formulação da Pedagogia Histórico-Crítica, Saviani (2008) usou o termo “curvatura da vara” para dar início a sua teoria no livro Escola e Democracia, onde entende que cada tendência (a Tradicional e a Nova) estava em um extremo e que seria necessário encontrar um meio termo entre estas, apropriando-se das contribuições destas e preparando para ir além.

Como demonstramos nas tendências acima, a sociedade interfere na educação para atingir a determinados interesses, porém “a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para sua própria transformação. ” (SAVIANI, 2013, p. 80). Com esta perspectiva nasce a Pedagogia Histórico-Crítica, “(...) uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação. ” (SAVIANI, 2013, p. 80). Logo esta tendência é baseada no Materialismo Histórico Dialético de Marx.

A teoria de Marx analisa, no movimento dialético, a totalidade e as suas contradições (KONDER, 2008). Não se satisfazendo com o que se apresenta imediatamente, mas buscando ir além dessa impressão, tendo a visão do conjunto e de todas as suas contradições “[...] a *contradição* é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem. [...] desbravando um espaço que a lógica não consegue ocupar. ” (KONDER, 2008, p. 47).

No ensino de História significa dizer não seguir mais a perspectiva Tradicional, onde destacava-se heróis, os fatos contados somente a partir de um ponto de vista. Porém, também não deixando o aluno buscar sozinho, como na tendência renovada, menos ainda valorizar só a prática como na tecnicista. Superando por incorporação tais métodos:

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar a cultura acumulada historicamente (...). (SAVIANI, 2012, p. 69)

Além disso, olhar a dialética por trás de cada fato, dando luz as diversas versões, o papel do professor seria trazer as diferentes versões de um mesmo fato, permitindo ao aluno o questionamento. Todo acontecimento histórico é fruto de diversas determinantes, a análise crítica destas é a defesa da Pedagogia Histórico-Crítica.

Os passos deste método são: **a prática social** comum a professores e alunos, no entanto, estes em níveis diferentes de compreensão da prática social; a **problematização**, detectando questões que precisam ser resolvidas; **instrumentalização**, apropriando-se de instrumentos teóricos e práticos; a **catarse**, efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformado em elementos ativos de transformação social; e novamente, **a prática social**, passando da síncrese a síntese (SAVIANI, 2012).

Após apresentar o método, na próxima seção apresentamos o relato de uma aula de História, produzida nos pressupostos da pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por nós.

2. UMA AULA DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Antes de ir a campo, analisamos o Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Professor Gildo Aluísio Schuck, que atende em Laranjeiras do Sul e oferece o Ensino Médio e Normal em conjunto com os professores da disciplina. Feito isso, partimos para os estágios de observação, após todos em dupla seguem para a observação do campo (Colégio Gildo) e das disciplinas específicas, no nosso caso foi Metodologia do Ensino de História. Sendo o estágio de observação, a atuação e as aulas de Estágio parte do curso de Pedagogia, “um curso que oferece formação teórica, científica e técnica para interessados no aprofundamento, na teoria e na pesquisa pedagógica e no exercício de atividades pedagógica específicas (...)” (LIBÂNEO e PIMENTA 2006, p.35).

Em nossa atuação, procuramos levar aulas bem atrativas e dinâmicas, com vista o público alvo serem adolescentes, e ainda serem futuros professores, onde nosso intuito, portanto, era de contribuir na formação de professores mais dinâmicos e criativos, compartilhando nossas ideias, com base em estudos que fizemos, para o ensino de história. Apresentando deste modo, maneiras de abordagem para uma aula crítica e dialógica.

Durante as observações nas aulas de Metodologia do Ensino de História, solicitamos para a professora regente um tema para trabalharmos 4 aulas com a turma, ela nos forneceu o plano de ensino que as professoras desta disciplina fazem, citou os que ela já tinha trabalhado e os que ela trabalharia ou pretendia que as alunas fizessem.

Dentre os conteúdos fornecidos, nos identificamos com “recursos educacionais para o ensino de História.” Com o conteúdo em mãos, buscamos referenciais teóricos, mas já tínhamos boas ideias, então em conversa sobre estas ideias com professor Saulo, ele nos forneceu uma apostila de Metodologia do Ensino de História, que continha uma coletânea de textos riquíssimos e didáticos. Em posse deste, planejamos nossas aulas.

Ao planejar, tivemos a ideia de trabalhar um recurso por aula. Assim, na primeira aula, discorreremos sobre o assunto em geral, incentivando a participação das alunas (os), citando recursos disponíveis, como a TV Pendrive, celular, computadores, porém alertando que nem toda escola e/ou estudante teria os equipamentos. Onde se tem tanto os suportes informativos que são preparados para o trabalho na escola, como os documentos que “são

produzidos em uma perspectiva diferente dos saberes das disciplinas escolares e posteriormente, passam a ser utilizados com finalidade didática.” (BITTENCOURT, 2004, p. 296) Então, justificamos o uso de recursos como textos literários, no nosso caso o poema “Perguntas de um Operário que lê”, este estava exposto em um cartaz ilustrado, também contribuimos nesse sentido, das maneiras como o Poema pode ser explorado, não somente escrito no quadro.

O poema em questão, tratava dos que levam a fama em cima dos “heróis anônimos”, destacando que esse poema não era a história contada pelos heróis, mas de um autor crítico que tinha este olhar diferenciado. “(...) o ensino de História pode utilizar a Literatura para discutir com os alunos como os autores literários constroem as representações de um passado (i) memorial ou mesmo de um futuro ficcional para dialogar com seu presente. ” (ABUD, 2010, p. 46). A partir disso, dialogamos sobre as maneiras de se ensinar História, que antigamente, ensinava-se somente o fato em si, sem olhar as determinações, as várias versões, etc.

Explicamos que atualmente no Estado do Paraná, está em vigência a Pedagogia Histórico Crítica, explicando suas origens, particularidades e maneiras de abordagem no ensino de História, como abordado na seção anterior. Após debate com os alunos, expomos os objetos antigos que conseguimos juntar (máquina fotográfica, fita de videogame e de música, celular antigo, pilão, monjolo, panela velha, arco de pua, quadro, etc.). Destacando que objetos/cultura material revelam a cultura e a tecnologia de uma época, onde as panelas eram de ferro, por causa que antes se cozinhava direto no fogo, celular não tinha a tecnologia; pilão, monjolo e arco de pua é por que eram os recursos disponíveis no momento, tanto pela tecnologia quanto pelo alto valor de objetos mais sofisticados.

Portanto, objetos revelam toda a cultura de uma época, as (o) alunas (o) destacavam que conheciam, já usaram alguns dos objetos. “A construção do conhecimento histórico ocorre quando os alunos percebem a relação dos artefatos com sua própria história, com a história de sua família, de sua localidade e até de seu país.” (ABUD, 2010, p. 122) Nesse sentido, destacamos que esse é o papel do professor de História, provocar essas

reflexões com seus alunos. Para o dia seguinte, solicitamos que levassem fotos de sua infância.

Na semana seguinte, iniciamos a aula, recapitulando conceitos debatidos na aula anterior. Após, solicitamos as fotos. A partir das fotos delas e das nossas, provocamos questionamentos, “A fotografia é uma rica fonte de informações para a reconstituição do passado, ainda que sua utilização também possa comportar a constituição de ficções” (ABUD, 2010, p.147), alertamos para o fato da foto, ter o olhar do fotógrafo, podendo ter sua interpretação.

Nós tínhamos uma fotografia que era em formato de quadro e outra estilo pintura, onde destacamos que era o recurso da época, inclusive na pintura, tinha a criança, representada no estilo adulto miniatura, portanto revelando a cultura de uma época, portanto a fotografia é “(...) um poderoso instrumento de desenvolvimento do conhecimento histórico de seus alunos. ” (ABUD, 2010, p. 147). Assim, íamos destacando o papel do professor nessas reflexões. Ainda apresentamos fotos antigas da cidade de Laranjeiras do Sul.

No mesmo dia, fizemos uma linha do tempo no quadro, destacando a forma de governo de cada época no Brasil, onde em sua grande maioria tinham governos ditatoriais, e que selecionemos músicas - com o auxílio do livro: “Quem foi que inventou o Brasil”, de Franklin Martins. – Sobre a época da ditadura militar. Além destas, trabalhamos uma atualíssima: “O morro mandou avisar”, de Tico Santa Cruz que debate o impeachment da então presidenta Dilma.

O exercício de análise da letra de uma canção, do gênero musical e dos diferentes sons produzidos do ponto de vista ilustrativo e, principalmente da identificação da mentalidade predominante em determinado momento é de extrema relevância para a construção do conhecimento histórico. (ABUD, 2010, p. 65)

Contudo, ouvíamos a música na TV pendrive e em seguida, refletíamos o que a letra nos dizia. Pela falta de tempo, não pudemos ouvir inteira as músicas, no entanto, os alunos conheciam a maioria. Incentivávamos a

participação deles (as). Em seguida, distribuimos a avaliação de nossas aulas para a turma. Ao recolher, agradecemos a participação nas aulas e que engrandeceram nossa caminhada.

Nos identificamos muito com a atuação neste estágio, pois o tema, a disciplina e a turma onde lecionamos fez com que este tivesse um ótimo rendimento, sentindo-se realizados em conseguir realizar aulas pautadas na Pedagogia Histórico Crítica, motivando-nos para buscar uma formação maior nesta área de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos ter conseguido descrever as principais tendências pedagógicas presentes no Brasil de maneira sucinta e clara, ficando de fácil entendimento por parte do leitor. Ao mesmo tempo, questionamos as intenções que prevaleceram em cada tendência, demonstrando quais eram estas.

Ao apresentar a Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por Saviani, descrevemos as suas bases epistemológicas e seu método de ensino, para defesa de um método que supera por incorporação as tendências anteriores e que se volta para uma educação popular e crítica.

A aula ministrada para futuros professores dos anos iniciais do ensino fundamental, com base nesta metodologia foi muito rica, tanto para alunos, quanto para nós enquanto professores. Uma aula dialógica, mas sem desmerecer os conteúdos, portanto sem focar somente na teoria ou na prática, a defesa de um ensino de História que não foque somente em heróis, mas que apresente as várias versões de um fato, um olhar crítico para história do Brasil através da análise das músicas escritas durante a Ditadura e a defesa de um ensino rico em recursos, para que chame a atenção dos alunos e promova a união entre teoria e prática, não sendo uma aula conteudista, mas também não só a prática pela prática, contudo uma aula dialética.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria – **Ensino de História** / Kátia Maria Abud, André Chaves de Melo Silva, Ronaldo Cardos Alves. São Paulo: Cengage Learning; 2010. (Coleção ideias em ação/Coordenadora Ana Maria Pessoa de Carvalho.

ARANHA, M.L.A. Filosofia da Educação. 2 ed. rev. e amp. São Paulo: Moderna, 1996.

BUCKER, Edilson Ferreira. A alienação na educação: uma análise do ato de educar. **XIV Jornada do Histedbr, 14ª edição**, 2016. Disponível em: <http://www.unioeste.br/eventos/histedbr/>

BITTENCOURT, Circe e FERNANDES, Maria. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Saulo Rodrigues de. **Políticas Neoliberais e Educação Pós Moderna no Ensino Paulista**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos: 23).

LIBÂNIO, José Carlos e PIMENTA, Selma Garrido. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança in PIMENTA, Selma Garrido (org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **A educação em tempos de neoliberalismo**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.